

LÓGICAS DE AÇÃO DE PROFESSORES EM ADMINISTRAÇÃO: UMA ANÁLISE BASEADA NA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Professor's actions logic in administration: an analysis based on science sociology

Maurício Serva

Doutor em Administração. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD/UFSC). Florianópolis, SC. Brasil. *E-mail*: mauserva@gmail.com

Daniel Moraes Pinheiro

Doutor em Administração. Professor do Departamento de Administração Pública da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/ESAG). Pesquisador do Núcleo de Inovações Sociais na Esfera Pública (UDESC/NISP) e do Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD/UFSC). Florianópolis, SC. Brasil *E-mail*: daniel.m.pinheiro@gmail.com

Danilo Melo

Mestre em Administração. Professor do Departamento de Governança Pública da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/CESFI). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD/UFSC). Florianópolis, SC. Brasil. *E-mail*: danilomelo@live.com

Gustavo Matarazzo

Doutorando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD/UFSC) e ao Groupe de Sociologie Pragmatique et Réflexive (GSPR) da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Florianópolis, SC. Brasil *E-mail*: gustavo_matarazzo@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é iniciar um processo de explicitação, em base científica e numa perspectiva socioprofissional, das lógicas de ação e das estratégias utilizadas por professores de escolas de administração no Brasil. Com uma abordagem teórico-epistemológica, baseada na concepção de campo de Bourdieu e na sociologia pragmática francesa com Boltanski e Thévenot, foram realizadas entrevistas em profundidade e semiestruturadas com 20 docentes que atuam em escolas de administração, complementadas com a análise de documentos. Ao discutir as configurações e as categorias profissionais, a legitimação e o reconhecimento, as lógicas de ação por meio das habilidades sociais e as estratégias no prisma das relações estabelecidas no cotidiano tornou-se possível iniciar uma reflexão crítica a respeito da posição do professor no campo.

Palavras-chave: Sociologia da Ciência. Lógicas de Ação. Campo da Administração. Professor-pesquisador.

Abstract

The article's aim is to start a clarification process, on a scientific basis and socio-professional perspective, of action logic and strategies used by business schools professors, in Brazil, in their scientific field. Through a theoretical and epistemological approach based on Bourdieu's field of conception and the French Pragmatic Sociology with Boltanski and Thevenot, in-depth and semi-structured interviews were conducted with 20 professors who work in business schools, and complemented by document analysis. Discussing settings and professional categories, legitimacy and recognition, action logics through social skills and strategies in the prism of daily life relations, it has become possible to initiate a critical reflection about the professor's position in the administration field.

Keywords: Science Sociology. Action Logics. Administration Field. Professor-researcher.



1 CONTEXTUALIZAÇÃO

No Brasil, o contexto do campo da produção científica em administração torna-se cada vez mais complexo. Isso se deve, em grande parte, às inúmeras mudanças institucionais ocorridas nas mais variadas instâncias desse campo, as quais alteraram significativamente a vida do professor de administração. Verifica-se uma lacuna no que tange a produção a respeito da reflexão sistematizada sobre esse campo. Serva e Pinheiro (2009), ao analisarem os estudos apresentados na área de Estudos Gerais e Reflexivos do Campo da ANPAD em 2007, concluíram que grande parte das pesquisas não considerava o campo científico à luz de uma perspectiva sociológica. Apesar de decorridos seis anos, essa lacuna continua presente e nos remete a uma constatação importante: os professores de administração atuam na formação de novos docentes e pesquisadores, mas pouco se discute (com base em conhecimento científico sistematizado) a respeito das condições sob as quais esses futuros profissionais vão atuar.

Uma das transformações históricas no campo científico é a institucionalização crescente. Uma das consequências da institucionalização da ciência é a profissionalização do trabalho científico, situação que, por sua vez, insere a ciência e os cientistas na esfera da problemática socioeconômica do mundo do trabalho. Assim, o cientista passa a ser um ator no cenário geral das profissões reguladas pelo mercado de trabalho, de um lado vulnerável às oscilações deste tipo de mercado, e de outro lado caracterizado por suas particularidades de natureza institucional e organizacional. Nesse contexto, a ciência se produz no interior de organizações específicas, fazendo com que o cientista se torne um trabalhador, ou seja, um ator organizacional sujeito à regulação de uma dada esfera profissional, como tantas outras. Por conseguinte, a ciência que se faz é também um produto organizacional.

É justamente o exame das condições reais de produção dos conhecimentos científicos o objetivo geral da sociologia da ciência. Estudos enfocando o campo científico da administração no Brasil começam a ser produzidos (MATTOS, 2008; ROSA, 2008), tratando de questões como a expansão da administração enquanto ciência social aplicada e a utilização das métricas de avaliação institucional e acadêmica.

A partir dessa constatação, faz-se necessário o mapeamento dos atores, de suas lógicas e estratégias de ação no campo da administração. A sociologia da ciência busca desmistificar o campo científico da administração, demonstrando a natureza dos interesses que são colocados em jogo e as estratégias dos atores (pessoas e organizações) em busca do poder, de espaços, de *status*, de legitimação e de reconhecimento num campo cada vez mais institucionalizado. Tal disciplina da sociologia demonstra também o estágio desse processo de institucionalização e suas consequências em cada país, como no caso do Brasil, onde tal processo é recente devido à incipiência da maior parte das suas instituições científicas, mas acelera-se com rapidez e apresenta suas especificidades. Dessa forma, o presente estudo buscou responder a seguinte pergunta: quais as lógicas de ação dos professores em escolas superiores, considerando estas como espaços primordiais do campo científico da administração no Brasil?

A fim de balizar a resposta a esse questionamento foram traçadas duas premissas de pesquisa. A primeira premissa considera que devido às mudanças recentemente ocorridas no campo, duas configurações de atores se estabeleceram: 1) os professores que atuam apenas nos níveis de graduação e pós-graduação lato sensu; 2) os professores-pesquisadores, que além de atuar nesses níveis, também atuam em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Como segunda premissa, considerou-se que a inserção preponderante do ator numa dada configuração, como também as suas próprias escolhas e decisões influenciam: a) a legitimação e o reconhecimento profissionais; b) as lógicas e estratégias de ação utilizadas por ele no interior desse campo; c) o seu cotidiano e os impactos na sua vida pessoal e profissional.

É nesta perspectiva que se insere a pesquisa que resultou neste artigo. Propomo-nos a contribuir para o aperfeiçoamento da ciência da administração, oferecendo aos colegas do campo um estudo inicial que versa sobre as condições de produção e de difusão do conhecimento científico nesta área em nosso país. Nosso objetivo neste artigo é iniciar um processo de explicitação, em base científica e numa perspectiva socioprofissional, das lógicas de ação e das estratégias utilizadas por professores de escolas de administração no Brasil no interior do seu campo científico.

O presente texto divide-se então em seis partes. Além desta introdução, um item se referindo à sociologia da ciência contempla uma breve discussão sobre o cotidiano do professor-pesquisador, iniciando com o conceito de campo. Em seguida, será apresentada a perspectiva adotada na análise das lógicas de ação, para posteriormente, analisar os dados. E, por último, as considerações finais.

2 SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A REALIDADE COTIDIANA DOS PESQUISADORES

A prática da ciência pode ser vista num processo constante de reflexão, e tal reflexão passa também pelo exame das suas bases de produção. Conforme explica Bourdieu (1976, p. 116), a análise do campo não deve ser abstratamente considerada fora da reflexão epistemológica:

Uma autêntica ciência da ciência só pode estabelecer-se sob condição de recusar radicalmente a oposição abstrata [...] entre uma análise imanente ou interna – que caberia mais à epistemologia e restituiria a lógica segundo a qual a ciência engendra seus problemas – e uma análise externa, que relacionaria estes problemas com as condições de seu surgimento. O campo científico (lugar de luta política pela dominação científica) é que designa a cada pesquisador, em função da sua posição, seus problemas políticos científicos, bem como seus métodos e estratégias que – por se definirem expressa ou objetivamente na referência ao sistema de posições políticas e científicas que formam o campo científico – são ao mesmo tempo estratégias políticas. Não há escolha científica [...] que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro científico, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes.

Considerando que o objetivo desta pesquisa relaciona-se ao estudo do campo científico, ressaltando aspectos cotidianos da realidade dos professores-pesquisadores, deve-se observar que diversos conceitos dos estudos epistemológicos de Pierre Bourdieu estão relacionados ao conceito específico de campo, fazendo parte de sua construção.

Uma das características marcantes dos estudos de Bourdieu é a adoção de uma noção ampliada de capital. O autor distingue as diferentes formas de capital que estruturam o espaço social: a) capital econômico (fatores de produção); b) capital cultural (qualificações intelectuais); c) capital social (conjunto das relações); d) capital simbólico (conjunto dos rituais); e, por fim, o capital global que seria a união de todos os capitais. A intenção aqui é demonstrar em breves linhas como a concepção de Bourdieu de capital está relacionada com os espaços das posições sociais em geral e, em particular, com o campo científico. Neste sentido, o autor posiciona no espaço social a profissão do professor num ponto em que é maior o capital cultural e o global, e menor o capital econômico. Portanto, com base no autor é possível inferir as implicações desse posicionamento no próprio jogo do campo científico no qual se percebe que a noção de capital aparece com fortes relações a alguns dos comportamentos observados nos praticantes do campo, os cientistas.

Na perspectiva de Bourdieu (1976, p. 112),

[...] a sociologia da ciência baseia-se no postulado de que a verdade do produto – mesmo desse produto particular que é a verdade científica – reside numa espécie particular de condições sociais de produção, num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico.

As condições particulares, inerentes à estrutura e à lógica de funcionamento do campo científico estão, portanto, relacionadas ao seu contexto, às relações de capital e à própria estrutura hierárquica por meio das quais as relações – inclusive de interesse – são estabelecidas. Ainda, complementa o autor, que

[...] o universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros, no qual todas essas *invariantes* assumem formas específicas. (BOURDIEU, 1976, p. 112)

Por conseguinte, declara-se como um dos fundamentos desta pesquisa que as análises feitas sobre o campo científico da administração possuem em sua essência forte natureza sociológica e assim ensejam o exame das relações inerentes aos fatos abordados pela sociologia da ciência. De acordo com Bourdieu (1976, p. 143):

Ao afirmar que a sociologia da ciência funciona segundo as leis de funcionamento de todo campo científico, de modo algum a sociologia da ciência se condena ao relativismo. Com efeito, uma sociologia científica da ciência (e a sociologia científica que ela contribui para tornar possível) só pode constituir-se com a condição de perceber claramente que às posições nesse campo são associadas representações da ciência, estratégias ideológicas disfarçadas de tomadas de posição epistemológicas por meio das quais os ocupantes de uma posição determinada visam a justificar sua posição e as estratégias que eles colocam em ação para mantê-la ou melhorá-la e, ao mesmo tempo, para desacreditar os detentores da posição oposta e suas estratégias.

Nesse ponto, é importante retomar a definição sintética de campo científico proposta por Bourdieu (1976, p. 112), como um “sistema de relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores – é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial.” Assim, não se distancia o conceito da analogia ao mercado, no qual os espaços são determinados pelo jogo da concorrência, e assim, imbricados os diversos tipos de capital que farão parte da luta entre as forças. Segundo o autor,

[...] o que está em luta são os monopólios da *autoridade científica* (capacidade técnica e poder social) e da *competência científica* (capacidade de falar e agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade) que são socialmente outorgadas a um agente determinado. (BOURDIEU, 1976, p. 112)

O autor complementa a imagem da luta afirmando que

[...] a definição do que está em jogo faz parte da luta científica: é dominante quem consegue impor uma definição da ciência pela qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem. (BOURDIEU, 1976, p. 118)

Em última instância, não admitir a existência de luta, de interesses, pode ser o caminho para afastar-se da sociologia da ciência de Pierre Bourdieu.

O que está em disputa nesse campo é uma espécie particular de capital social, a o capital científico, a autoridade científica. Para Bourdieu (1976), é esse

capital que assegura um poder sobre todos os mecanismos do campo e, ainda, pode ser convertido em outros tipos de capital, como o capital econômico (como exemplo as bolsas). Uma das características particulares desse capital, segundo o autor, é de que quanto maior for a autonomia do campo, mais os concorrentes serão os “consumidores” da produção. Desta forma,

[...] num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos (reputação, prestígio, autoridade, competência) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. (BOURDIEU, 1976, p. 117)

Consequentemente, o interesse está intrinsecamente ligado ao processo de aquisição de autoridade científica, expressa pelo reconhecimento, prestígio, e até mesmo, pela celebridade. Assim sendo, na análise dos conflitos no interior do campo científico faz-se necessário considerar ambas as dimensões: a dimensão política e a dimensão puramente intelectual.

É no interior do campo que se desenrola a realidade cotidiana do pesquisador, do professor, profissional da ciência. Diversos estudos focalizam aspectos dessa realidade. A seguir, serão sintetizados alguns desses estudos aproximando as discussões de sociologia da ciência aos debates contemporâneos do professor-pesquisador.

Dortier (2005, p. 31) demonstra como se organizam aqueles que trabalham com o conhecimento. Para ele, “[...] o trabalhador do saber é um profissional ‘reflexivo’ cuja atividade não é ajustada por sistemas pré-estabelecidos. Ele deve permanentemente resolver os problemas, inventar ou reinventar soluções e se interrogar sobre suas atividades.” (DORTIER, 2005, p. 31).

Leclerc (2005, p. 34) afirma que

[...] para pertencer ao mundo dos intelectuais, não é suficiente produzir uma obra artística, científica, literária, é preciso também saber impor-se em diferentes conexões de legitimação e de consagração: a pesquisa, o ensino e a edição”.

Essas conexões seriam legitimadas, então, desde a formação do pesquisador, até mesmo o relacionamento com a comunidade científica, seus pares, e

que o prestígio universitário evidencia-se em quatro dimensões: o prestígio da instituição, o reconhecimento de uma obra, editar e publicar, e dirigir um laboratório ou centro de pesquisa.

Já Louvel (2005), inspirando-se em Bruno Latour, destaca cinco dimensões do mundo dos pesquisadores que podem auxiliar a ilustrar seu trabalho e sua legitimação: 1) mobilizar o mundo; 2) criar colegas; 3) aliar-se a atores que se interessem pelas duas operações precedentes; 4) evidenciar a atividade científica pelas relações públicas, pela confiança, pela ideologia; 5) o quinto horizonte designa o conteúdo da atividade científica, ele só existe graças aos quatro primeiros: a força das ideias e dos conceitos científicos que leva à transformação dos outros horizontes.

Dortier (2000) comenta em seu estudo sobre a vida do pesquisador, mais especificamente sobre os caminhos que o pesquisador percorre e seus percalços, como se depara com a pesquisa e se posiciona sobre ela, ilustrando com algumas experiências. Dortier (2000, p. 51-52) afirma que

[...] a vida de pesquisador não se resume ao trabalho de laboratório ou de “campo”, [...] é participar de colóquios e também publicar e ensinar. Passar muito tempo assim na organização material da pesquisa. [...] As relações com os colegas são outro aspecto do trabalho e são sempre ambíguas.

Mas, sua rotina de vida pode ser tortuosa.

Berry (1995, p. 19), ao analisar o trabalho e a agenda do professor-pesquisador no campo científico da administração na França, afirma que

[...] o pesquisador é um homem apressado: sua carga de trabalho ultrapassa frequentemente o tempo que ele pode efetivamente consagrar. A semana do pesquisador ideal excede sete dias. Assim, ele é forçado a fazer as escolhas [...] às vezes é doloroso.

Para Berry, as esferas da vida do pesquisador assemelham-se àquelas do cotidiano de um diretor de empresa.

No Brasil, Melo e Serva (2014) analisaram a agenda do professor-pesquisador no país, demonstrando, dentre outros achados, que as escolhas que recaem sobre o professor-pesquisador com relação a sua dedicação ao trabalho – ou às diferentes esferas

do trabalho acadêmico – acabam por comprometer às atividades de pesquisa, que, por consequência, invadem o tempo que seria dedicado à vida pessoal. De acordo com Melo e Serva (2014, p. 629), “[...] sua agenda de trabalho semanal não possibilita integrar as atividades de pesquisa, principalmente as atividades referentes ao estudo e reflexão”. Assim, explicam que o sujeito é obrigado a levar as principais tarefas da profissão para casa, para os horários de lazer, para manter um ritmo de produção exigido pelos órgãos que regulamentam o ensino superior, principalmente na pós-graduação, que exige alta produção de artigos, por exemplo (MELO; SERVA, 2014).

Limoges, Keating e Gingras (2001, p. 32) reconhecem que “[...] a ciência nada mais é que um processo de ideias e de métodos, ela depende muito, também, do *status* daqueles que a fazem”. Os autores ressaltam que na atualidade as relações ente os atores são bastante influenciadas por programas de pesquisa de interesse econômico.

Charle (1998) ressalta o aspecto do interesse, das relações de poder, que dificultam a difusão dos conhecimentos. Afirma o autor que “à medida então que se institucionalizam os lugares de formação, de transmissão e de difusão de ideias, a concorrência entre grupos de intelectuais transformou-se numa luta pelo poder e pela legitimidade”.

Após ter apresentado este breve levantamento de estudos de sociologia da ciência que versam sobre aspectos da profissão de pesquisador, será abordada, como complemento da fundamentação teórica, a questão da perspectiva analítica empregada neste estudo.

3 NOTAS SOBRE A PERSPECTIVA DE ANÁLISE DAS LÓGICAS DE AÇÃO

Entende-se que as lógicas de ação discutidas neste trabalho se inserem num campo de produção e difusão científica no Brasil. A consideração desse campo como um espaço social composto por sistemas hierarquizados de posições marcados pela disputa entre atores, pela luta concorrencial nos ajuda a conceber as organizações e instituições típicas desse campo, tais como as escolas de administração, as associações profissionais (ANPAD, ANGRAD), os órgãos de fomento e de regulação (CNPq, MEC, CAPES), como espaços em que o poder, a influência e os interesses em jogo são

partes intrínsecas das interações travadas pelos atores. No nosso estudo, embora considerando a influência das demais organizações, são priorizadas as escolas de administração como *locus* para a análise das lógicas e estratégias de ação dos professores – os atores. As escolas de administração representam o cenário primordial enfocado pela nossa pesquisa de campo, cenário onde os atores se movem, engendrando dinâmicas interativas que embora apresentem similaridades com outros compartimentos do campo científico global brasileiro apresentam também características singulares.

No nosso estudo, apesar da noção de campo ter sido baseada em Bourdieu, a análise das lógicas de ação e estratégias dos atores correspondeu à outra abordagem, mais exatamente ao que vem sendo denominada sociologia pragmática francesa, ou ainda sociologia pragmática crítica (BREVIGLIERE; STAVO-DEBAUGE, 1999). O marco de grande difusão desta abordagem foi a obra *De la justification*, de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (2001), nos anos 80, professores da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Ex-aluno e assistente de Pierre Bourdieu nos anos 1970, Boltanski separou-se do seu mestre em 1985 e funda seu próprio grupo de pesquisa, no qual passa a desenvolver uma abordagem que atualmente se constitui como uma das mais importantes correntes teóricas das ciências sociais. Sem negar a sua pertinência à sociologia crítica, os autores da sociologia pragmática defendem que os atores sociais dispõem de capacidade crítica perante as situações-problema que enfrentam no cotidiano, engendrando representações próprias dessas situações e, acima de tudo, agindo em conformidade com suas próprias escolhas, decisões, valores e paixões. No interior das ditas estruturas sociais, o ator sofre a influência destas, mas é capaz de analisá-las (ao seu modo) criticamente, se posicionando e, sobretudo, agindo em face delas. A ação captada pela microsociologia é, portanto, privilegiada na análise da conduta dos atores, em grupos ou individualmente. Tal posicionamento corresponde a uma mudança de postura com relação à abordagem elaborada por Bourdieu, a qual dá primazia ao peso e influência da estrutura (no caso da nossa pesquisa, a estrutura do campo científico) na sobredeterminação da conduta dos atores.

Num colóquio destinado a debater a proposta de Boltanski e Thévenot, cuja realização se deu em Cerisy, em junho de 2001, Mukerji (2009, p. 447-448, grifo nosso) afirma que:

O mundo social que eles descrevem é concreto e se constrói (ou se destrói) pela ação prática. Na sua sociologia, os indivíduos não são seres passivos, agindo no interior de estruturas sufocantes. Eles são, sobretudo, os habitantes de mundos sociais que requerem e dependem de sua competência para agir. A história não dita seus atos. Eles se incluem em **categorias socioprofissionais** ainda existentes, mas eles podem entrar em disputas, e lutam efetivamente sobre o que significa pertencer a uma classe, a uma nação, a um grupo étnico, a uma religião ou a um gênero. Eles professam igualmente valores culturais.

Os atores desenvolvem e usam suas próprias formas de análise para dar sentido às suas próprias experiências e para articular valores abstratos com seus próprios objetivos. Eles não são calculadores sistemáticos com suas escolhas racionais, mas são pessoas complexas e apaixonadas, reivindicativas e críticas, como também vulneráveis e controversas.

Mais tarde, em 2006, é digno de destaque o lançamento de *L'action au pluriel – sociologie des régimes d'engagement*, elaborado por Thévenot (2006), livro no qual o autor aprofunda a sociologia dos regimes de ação coletiva a partir da ação individual.

A composição da perspectiva analítica empregada em nosso estudo leva em consideração a autonomia relativa e a possibilidade de escolhas dos atores professores ao analisar a lógica de ação e suas estratégias no interior do campo científico da administração no Brasil. Por esta razão, nossa segunda premissa de pesquisa infere que a estrutura do campo e também a capacidade de escolha, decisão e ação desses atores influenciam as lógicas e estratégias utilizadas. Tal perspectiva analítica encontra plena sustentação teórica e revela-se epistemologicamente adequada a partir da própria trajetória de Boltanski: após muitos anos de oposição teórica à concepção de Bourdieu, em 2009 o autor publica o livro *De la critique – précis de sociologie de l'émancipation*, livro dedicado a uma espécie de conciliação com a sociologia do seu antigo mestre:

Eu exponho aqui, em grandes linhas, um quadro de análise destinado a dotar de novos ares a questão da crítica tal como ela se dá, não no espaço teórico da sociologia, mas na realidade cotidiana. Este quadro tem igualmente por objetivo fornecer instrumentos que permitem absorver a tensão entre a sociologia crítica [ela-

borada por Bourdieu] e a sociologia da crítica [elaborada por Boltanski]. Ele persegue por isso um objetivo de pacificação. (BOLTANSKI, 2009, p. 13)

Atualmente, para serem credíveis, as sociologias orientadas por uma metacrítica da dominação devem tirar lições dos erros passados e, levando em conta os diferentes argumentos que vimos desenvolvendo, se dotarem de um quadro de análise que permita integrar os aportes do que nós chamamos, de um lado, o *programa englobante* e, de outro, o *programa pragmático*. (BOLTANSKI, 2009, p. 81)

É, portanto, a partir da noção da capacidade crítica que são analisadas as estratégias e lógicas dos atores, complementarmente à sociologia da ciência bourdieusiana. Adota-se tal perspectiva como uma postura metodológica e analítica. Dessa maneira, procura-se compreender a própria crítica dos atores frente ao campo, a sua atitude e influência nas estruturas, os embates e conflitos. Na próxima seção, serão esclarecidas as escolhas e procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa aqui apresentada.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ampliar a compreensão do sentido que os professores concedem à sua própria experiência como atores no campo científico da administração é uma das formas mais incisivas de fazer face à seguinte questão: o que é ser professor numa escola de administração no Brasil?

De acordo com Serva e Pinheiro (2009, p.14):

[...] o tema “estudos do campo” está aberto para as mais diversas discussões. A área analisada representa uma abertura, um início para as discussões sobre o tema no Brasil. Porém, é preciso ousadia para a realização destes estudos, pois se trata de observar a própria área de atuação e de seus pares-concorrentes. Estudos desta natureza envolvem, sobretudo, valores políticos e pessoais. Envolve uma proposta de humanização da figura do próprio pesquisador, agente do campo, consciente das instituições que o cercam.

Alguns artigos já versam sobre o cotidiano do professor em administração, enfatizando a temática sobre o produtivismo (ALCADIPANI, 2011a; 2011b; FARIA,

2011; MACHADO; BIACHETTI, 2011; MATTOS, 2012; PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015) e os seus impactos na saúde física e mental do professor-pesquisador (FARIA, BAIBICH-FARIA, ZORZETTO FILHO, 2008; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013; MARTINS; HONÓRIO, 2014). No entanto, as discussões sobre sociologia da ciência, centradas a partir das lógicas de ação dos professores-pesquisadores em administração ainda são incipientes.

Para atingir o objetivo proposto, foram empregados primordialmente os seguintes métodos: entrevista em profundidade e semiestruturada, análise de documentos. O tipo de entrevista que se utilizou na pesquisa corresponde à “entrevista qualitativa baseada em roteiro”, na acepção de Godoi e Mattos (2006), sendo que, além do roteiro com tópicos norteadores das entrevistas, utilizou-se da flexibilidade de formular perguntas e abordar temas que surgissem no contexto, a partir das reflexões e interação com os professores entrevistados. O objetivo da entrevista em profundidade não é obter respostas a determinadas questões, e nem “avaliar” como certos termos são normalmente usados. O essencial da entrevista em profundidade é o interesse em compreender a experiência de outras pessoas e o sentido que elas dão a essa experiência (SEIDMAN, 1998, p. 2-3).

Foram entrevistados exatamente 20 docentes que atuam em dez escolas de administração situadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nessas escolas há Programas de Pós-Graduação com conceituação na CAPES que variam de 3 a 7. Algumas dessas escolas compõem o grupo das mais antigas fundadas no país no campo da administração. Os professores não estão caracterizados ou identificados na pesquisa, para que não consista em instrumento de exposição ou caracterização indevida dos pares, considerando que a pesquisa é conduzida por pesquisadores do próprio campo científico.

Complementando o levantamento de dados colhidos diretamente com os atores mediante as entrevistas, foram consultados os sítios na internet e documentos impressos que regulamentam o trabalho dos professores nas escolas e Programas onde atuam, bem como em órgãos reguladores oficiais, tais como a CAPES e o MEC. Os dados assim coletados contribuíram para termos uma noção ampla dos ditames formais que regem o trabalho dos professores.

Para o estabelecimento das categorias de análise dos dados partiu-se da segunda premissa de pesquisa e acrescentamos alguns desdobramentos à medida que os próprios dados de campo eram colhidos. Assim, as categorias são as seguintes:

- a) Configurações profissionais dos atores;
- b) Legitimação e reconhecimento profissionais;
- c) Lógicas e estratégias de ação: estratégias competitivas, estratégias cooperativas;
- d) Habilidades sociais para permanência no campo e cotidiano: satisfação e insatisfação profissional.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Iniciando pelo esboço de um panorama geral sobre a lógica e as estratégias utilizadas pelos professores, reporta-se que o trabalho de campo confirmou a primeira premissa norteadora desta pesquisa: a ocorrência de duas configurações de atores bem distintas no campo, a saber, os **professores** que atuam apenas nos níveis de graduação e pós-graduação lato sensu, e os **professores-pesquisadores**. Estes, além de atuarem nesses mesmos níveis, também o fazem na pós-graduação stricto sensu. Apesar de o campo em estudo ser caracterizado por uma intensa dinâmica, desdobrando-se em variadas formas de atuação profissional, e mesmo em formas mistas, as configurações acima citadas revelaram-se como dimensões marcantes da natureza desse campo no país.

Tais configurações se apresentam com maior evidência na maioria das escolas pertencentes às universidades públicas, notadamente naquelas fundadas antes dos anos 80. Nessas escolas há pelo menos dois fatores que agem fortemente como causas dessas configurações: a situação funcional anterior aos anos 80, quando a pós-graduação stricto sensu ainda não estava suficientemente estruturada e institucionalizada como nos dias atuais, situação que punha em destaque apenas os cursos de graduação; em segundo lugar, a questão da estabilidade do servidor público, reforçando a cristalização de certos perfis funcionais estabelecidos antes da década de 80, os quais não sofrem pressões concretas de mudança, ou seja, os professores podem permanecer nesta configuração sem nenhum risco de perda do emprego. Na universidade pública, o pro-

fessor ingressa na instituição e em seguida pode fazer a sua opção, principalmente depois de decorrido o período inicial de estágio probatório.

Nas escolas privadas, a distinção dessas configurações obedece a uma lógica diferenciada: geralmente, o ingressante é contratado, desde o início, para se inserir claramente numa ou noutra configuração. Não se despreza, aqui, os casos em que alguns docentes da configuração professores fazem cursos de mestrado e doutorado e em seguida mudam de configuração, mas estes casos não são a regra.

A existência de duas configurações distintas, fundando uma espécie de clivagem no campo, nos conduziu a examinar a validade da segunda premissa da pesquisa. Esta infere que a inserção preponderante do ator numa dada configuração, combinada com a capacidade de autodeterminação (escolhas e decisões próprias) do ator influenciam a conformação do seu cotidiano, o impacto na sua vida pessoal e profissional, as habilidades sociais que ele deve ter para permanecer no campo e, portanto, exerce também grande influência nas lógicas e estratégias de ação que ele utiliza no espaço social do campo em questão. Segundo um dos entrevistados:

Tem um elemento bem básico do reconhecimento que é a manutenção de posições na vida acadêmica. Então tem um aspecto bastante tangível do reconhecimento que está alinhado à carreira.

5.1 Legitimação e Reconhecimento

A partir dessa consideração, percebe-se que a legitimação e o reconhecimento como bom profissional se dá de formas próprias para cada tipo de configuração. Enquanto para os professores os principais espaços de atuação são a sala de aula e os cargos da hierarquia burocrática, para os professores-pesquisadores os espaços são aqueles ligados à produção científica. Assim, a legitimação perante os pares e o reconhecimento perante a comunidade universitária acarretam estratégias de ação específicas. O profissional mais valorizado na primeira configuração é aquele que dá “boas aulas”, plenas de referências práticas, que cumpre regularmente seus deveres docentes na graduação; o reconhecimento se manifesta, frequentemente, pela

escolha para paraninfo ou patrono das turmas de formandos. Trata-se de uma honraria simbólica por natureza, assentada na tradição, mas que ainda tem peso no imaginário universitário e, portanto, exige certos comportamentos daqueles que desejem alcançá-la, como por exemplo, cultivar uma forte proximidade com os graduandos. A legitimação entre os pares se dá pela assunção de cargos na hierarquia burocrática, criando as condições legais para exercer o poder formal, relacionado ao capital científico temporal. Nas universidades públicas, a assunção de cargos é obtida por eleição dos pares. Em geral, as estratégias de ação mais exitosas são aquelas que combinam as duas modalidades, obtendo, ao mesmo tempo, legitimação do corpo docente e reconhecimento do corpo discente. Nota-se que o espaço social privilegiado para as ações que resultam em legitimidade e reconhecimento são delimitados pelas fronteiras da própria organização, ou seja, as ações se concretizam preferencialmente dentro da escola e dentro da própria universidade onde o professor trabalha.

No âmbito da configuração professor-pesquisador, as estratégias de ação que desembocam na obtenção da legitimidade e do reconhecimento tomam caminhos bem diferentes. O cenário, o espaço social privilegiado extrapola em muito as fronteiras da escola, departamento ou universidade onde o profissional está alocado. Tal espaço é composto por vários fóruns. Um desses fóruns são os eventos científicos. Segundo um entrevistado, “a participação em eventos conta porque lá estão pessoas que participam de redes de contato na tua área e que você tem interesse; o ENANPAD, por exemplo, serve muito a isso”. Outros fóruns tais como “fazer parte de conselho de revistas, solicitações formais de CAPES e CNPq, bancas externas, convites para cursos em outras universidades” são indicados como importantes fontes de legitimação. Tais fontes são muito mais externas do que internas à organização de origem do profissional. Desse modo, observa-se que a lógica da ação possui, muitas vezes, uma forte referência externa, distante (física e socialmente) do ator; seu controle sobre a própria ação e sobre os resultados desta é difuso, acarretando uma incerteza muito maior do que a que cerca a legitimidade da configuração de “simple professor”, ainda que o reconhecimento dos alunos, nesse caso da pós-graduação, seja parte dessa composição. A questão do reconhecimento e

legitimidade, portanto, passa por caminhos diferentes e composições diversas, internas aos programas, seja pelos alunos ou pelos pares, e, também, externas, seja por meio das instituições ou por meio dos pares. Para um entrevistado:

Eu acho que isso é reconhecimento. Você ser lembrado por aquilo que você faz. Pelas ideias que você defende, pelos princípios que você defende. Então eu diria que às vezes esse conhecimento é medido numericamente. Ah, você tem, sei lá 10 artigos. Eu tenho 20. Eu acho que é uma medida, ou você é mais citado do que eu. É uma medida. Mas eu acho que é uma, mas também tem tantas outras. O reconhecimento também é uma medida bidimensional. Vai ter uma mistura ali, desse reconhecimento se desdobra numa posição ocupada lá na Capes. Tem uma série de fatores que levaram a isso. De forma de ser lembrado. Às vezes um componente político, às vezes, sei lá, até técnico, afetivo, uma série de coisas. Mas eu acho que é muito da sua lembrança. Quando você é reconhecido você é lembrado.

Um aspecto a destacar é a fonte externa de avaliação referenciada pela regulação exercida pela CAPES. Para boa parte dos professores-pesquisadores mais jovens, “reconhecimento é pontuação em revistas importantes”, ou ainda “é dar alta pontuação ao Programa”, “ter alto desempenho técnico no sistema formal avaliação da CAPES”, “antes era pela ‘tradição’ (local de trabalho), hoje é pela avaliação da produtividade, há bolsa PQ para formalizar isso”. Nota-se claramente a influência dos ditames das agências de regulação e fomento para o estabelecimento das bases referenciais da legitimidade e do reconhecimento profissional.

É importante lembrar, assim como explica Vinck (2007), que para Merton e seus seguidores, as recompensas em si são simbólicas e que o controle social é feito pelos pares. Para Vinck (2007, p. 66): “[...] A questão da atribuição de recompensas é fundamental para compreender a dinâmica do sistema social e projeto de desenvolvimento de um corpo de conhecimento”. O que se observa em campo como recompensa tem um significado para os sujeitos, em que aparentemente,

estes interpretam as recompensas de múltiplas formas em suas falas, e que esta será a maneira, também, como irá refletir sobre as recompensas alcançadas por seus pares. Ou seja, a importância e a valoração da recompensa correspondem não somente a um processo de reflexão individual, mas também é compartilhada de forma coletiva em seu significado. Nesse sentido, percebe-se que a própria noção de recompensa é influenciada pelo campo, ou seja, pela coletividade, e também pelos próprios atores, com suas estratégias e lógicas de ação.

Diferentemente do que ocorre na configuração professor, o *locus* das bases referenciais está fora do local específico de trabalho. Esta situação concorre para que o poder dentro da organização seja teoricamente mais acessível aos professores ligados à graduação, pois as fontes de prestígio para estes estão mais acessíveis. A lógica que preside tais fontes é estabelecida pela tradição e reafirmada cotidianamente no interior da organização. Ademais, a incerteza sobre os resultados da ação estratégica tende a ser bem menor quando as fontes de prestígio profissional – aqui consideradas como diretamente ligadas à legitimidade e ao reconhecimento – estão situadas próximas aos atores.

Enquanto parte significativa dos professores-pesquisadores mais jovens revela sentir uma forte influência dos órgãos reguladores, os mais velhos e/ou experientes na carreira, em sua maioria, demonstram um posicionamento crítico em relação ao sistema de avaliação imposto na pós-graduação, indicando outros aspectos ligados ao reconhecimento e à legitimidade. Um desses principais aspectos é a falta de definição da carreira de pesquisador no Brasil, conforme um depoimento colhido:

Reconhecimento é ligado à carreira, mas não temos a carreira de pesquisador no Brasil, há um hibridismo, sobreposição de funções, o professor assistente não existe. Não é considerada como uma carreira estratégica no país. Não há clareza institucional da carreira de pesquisador, nem tradição científica.

A grande dedicação à profissão também é indicada como uma lógica de ação absolutamente necessária e inerente ao profissional, por vezes, ela toma o

sentido de “doação” e “senioridade”. Neste sentido, são significativas as afirmações de alguns entrevistados:

Reconhecimento é o retorno da mudança na vida das pessoas, provocada pela pesquisa e, principalmente, é resposta à doação.

Uma dedicação exagerada, diferente das outras profissões.

Reconhecimento é ligado à senioridade, ao professor sênior em sentido amplo. Também tem a ver com a resposta dos alunos, o professor dedicado, que se dedica dez mil horas em 3 anos de profissão. Não está tendo mais espaço para um professor assim, que forma o aluno em sentido profundo, um conselheiro, um consultor em “estratégia” muito mais do que dar mil aulas e fazer mil artigos.

Nesses posicionamentos distintos, caracterizados pela defesa de uma visão mais “qualitativa” do que “quantitativa” da avaliação dos pesquisadores, outras perspectivas de legitimidade e reconhecimento são vislumbradas. Assim, as estratégias de ação mais indicadas relacionam-se à intensidade nas interações com colegas e alunos, o trabalho em grupos: “trabalho com os pares e alunos. Trabalha-se muito”; “Discussão, debate, trabalho nos pequenos grupos, na interação, mas isso está se perdendo”.

5.2 Lógicas e Estratégias de Ação

Com o intuito de compreender as estratégias de ação, frequentemente utilizadas, serão, então, examinados aqueles dados que mencionaram as estratégias face aos conflitos, estratégias competitivas e estratégias cooperativas no campo.

As relações pessoais desenvolvidas no processo de produção científica são fontes de legitimação dos profissionais, pois é a partir das relações de proximidade que se desenvolve a produção. Essas relações são construídas de diversas formas, por exemplo, podem ser estabelecidas anteriormente (no período de formação acadêmica) ou durante o estabelecimento profissional, com colegas de trabalho.

Os professores-pesquisadores se apoiam em diversas estratégias competitivas com o intuito de alcançarem publicações em periódicos de alta pontuação. Um deles se dá com relação aos cuidados na difusão do tema estudado, ou seja, no cuidado com a divulgação das informações. Temas de pesquisa, estruturas de artigos a elaborar, acesso a determinados ‘objetos’ de pesquisa (organizações, grupos sociais específicos, redes organizacionais) ou determinados arranjos teóricos ainda não arquitetados por outro pesquisador são exemplos de informações que sofrem todo cuidado possível para não se difundirem.

Contato é outra estratégia competitiva utilizada e está relacionada com a aproximação às pessoas chave, ou seja, àqueles sujeitos que exercem influência e poder em certas instituições, propiciando assim as condições de realizações de pesquisas. A composição de redes de relacionamento inicia-se na própria formação acadêmica, imbrica-se nas relações pessoais e se estende ao longo da carreira do professor como estratégia de permanência no campo. A ideia se baseia em abrir flancos institucionais ao pesquisador, espaços esses que são cobijados por muitos, construindo uma imagem vinculada ao poder institucionalizado pela participação nessas organizações.

Quanto aos grupos de pesquisa, a composição desta forma de trabalho, no Brasil, é atribuída a um incentivo externo, considerando sua institucionalização formal pelo CNPq, muito embora os profissionais reconheçam ser uma prática comum para alguns desde o início de sua carreira. A formação de grupos de pesquisa pode ser classificada de duas formas, como estratégias competitivas e cooperativas. A primeira forma constitui um tipo de aproximação das pessoas a fim de se relacionarem e discutirem propostas científicas com o intuito de avanço do conhecimento, resultando na dinamização da produção científica. É uma estratégia complementar à de contato, pois fortalece os laços da rede, e consolida as estratégias de produção, do ponto de vista da coletividade. A segunda forma diz respeito a outro tipo de aproximação que se relaciona às linhas produtivas, “certos grupos de pesquisa são linhas de montagem de artigos”.

O funcionamento do grupo enquanto “linha de montagem de artigos” requer do professor a utilização intensiva do cálculo utilitário das consequências de seus atos e decisões. Segundo alguns entrevistados, o

ator “deve calcular ao máximo, incluindo aí o trabalho futuro do orientando”; “o aluno torna-se instrumento de produção para o orientador”. Isso significa que ao decidir assumir orientandos, o orientador antecipa mentalmente o volume de produção de *papers* que pode ser alcançado: para uma dada quantidade de orientandos, uma possível quantidade de artigos em que ele poderia se colocar como coautor por ano (ou pelo já famoso “triênio”).

Até aqui tratou-se das estratégias competitivas identificadas no espaço ocupado principalmente por parte dos professores-pesquisadores (principalmente entre os mais jovens). Quanto aos docentes concentrados no nível da graduação, as estratégias competitivas referem-se predominantemente às disputas pelo poder formal e também à de prestação de serviços de extensão (consultoria e treinamento) remunerados.

Nas universidades públicas, as disputas pelo poder formal passam necessariamente pela lógica eleitoral adotada após a redemocratização do país. As estratégias competitivas são marcadas pelo jogo político permeado pelos interesses eleitorais e diferentes estratégias no interior de cada coalizão política. Nas universidades privadas, tais disputas, evidentemente, não são baseadas na lógica eleitoral; as disputas, geralmente, obedecem à mesma lógica de poder observada nas empresas privadas, nas quais a proximidade/confiança entre o profissional e o proprietário, acrescida do potencial de obtenção de lucro, são essenciais.

Em se tratando das estratégias cooperativas, como nos casos anteriores, as relações pessoais são a tônica. A cooperação se desenvolve primeiramente a partir das relações pessoais e, em segundo lugar por meio das áreas de estudo que os professores-pesquisadores trabalham. Malgrado os interesses voltados para a publicação científica, há, embora em menor grau, ações cooperativas pautadas “em pequenos grupos formados por pessoas com interesses de aquisição de conhecimento, firmeza de propósitos, desvinculados do objetivo relacionado a publicações”. Não raro, as relações pessoais são firmadas durante a formação de mestrado e/ou doutoral, períodos em que se criam vínculos que podem perdurar no tempo, desembocando em parcerias e estratégias cooperativas ao longo da carreira. Não obstante, alguns entrevistados relataram que o comportamento competitivo em muitos casos vai se sobrepondo à cooperação, denotando adoção



progressiva da atitude competitiva à medida que o professor se insere no mercado de trabalho, como nessas falas de pesquisadores:

Encontramos dificuldades com algumas pessoas com comportamento competitivo, fechado, após o doutorado completado.

A composição mais frequente é o orientador e seus orientandos, falta desenvolver melhor a cultura do grupo, da parceria.

Entre os docentes exclusivamente ligados à graduação, as estratégias cooperativas, em geral, são motivadas pela intenção de melhorar a qualidade das aulas, promovendo palestras, desenvolvendo jogos e demais exercícios de simulações. O esforço em diversificar as atividades didáticas é um fator de promoção da cooperação entre pares. A concretização de intercâmbios de graduandos é também uma fonte geradora de estratégias cooperativas. Os docentes envolvidos nas atividades e processos de intercâmbio cooperam intensamente para viabilizar esse empreendimento. Entretanto, ainda que o intercâmbio necessite de um aparato institucional, as relações pessoais representam com frequência os pilares sobre os quais o intercâmbio se desenvolve.

Além da sala de aula, parte das estratégias cooperativas é praticada em função da obtenção, manutenção e aumento do poder formal na organização universitária. Do mesmo modo que estratégias de cunho competitivo são praticadas no jogo político ligado ao poder, estratégias do tipo cooperativo também fazem parte desse jogo.

5.3 Habilidades Sociais e Cotidiano

As habilidades necessárias à permanência do pesquisador no campo e na organização tem uma estreita relação com o tratamento do tempo que define a fronteira entre trabalho e vida privada. O volume de trabalho que se exige do professor, associado à natureza do trabalho intelectual, faz com que esta profissão tenha uma forte relação de indissociabilidade com a vida privada. Tendo em vista que para alguns pesquisadores “a habilidade de permanência é traduzida em obter resultados”, grande parte dos entrevistados indicou a divisão do tempo como a maior habilidade.

O depoimento a seguir traduz a percepção desses pesquisadores:

Trabalha-se 10 a 12 horas por dia, 70 horas por semana, em média. Então é necessário realocar o tempo, redistribuir o custo, o peso, a família sofre... e a produtividade cai. Para lidar com a sobrecarga, o trabalho compartilhado torna-se importante.

A habilidade política é também crucial para a permanência: “habilidade maior é ser político, falar menos, transitar. Também é organizar o tempo”. Os professores-pesquisadores apresentam uma vida de trabalho muito intensa, frequentemente relacionada com uma forte necessidade de gestão do tempo, especialmente para aqueles que se dedicam a atividades mais complexas, como gestão de núcleo de pesquisas, ou a atividades ligadas à carreira político-burocrática, característica especialmente visível na atuação nas universidades públicas e em instituições reguladoras e de fomento à pesquisa. Há, portanto, uma estreita ligação entre o tempo que a profissão toma, para além daquele regulamentado pela lei, e a noção de satisfação. Por sua vez, a satisfação se apresenta de formas diferentes, por exemplo, com a posição no campo, com o atrelamento a publicações de alto impacto, com as parcerias realizadas, entre outras.

A relação desse preocupante cenário com a insatisfação dos profissionais docentes com seu trabalho surge no levantamento dos dados deste estudo como uma evidência clara. Para diversos entrevistados, a insatisfação provém de fatores tais como a “dificuldade de definir o limite do trabalho”, ou ainda “pelo tempo tomado pelas atividades burocráticas”. Muitas vezes, a dose de tempo dedicado ao trabalho sobrepõe-se à capacidade pessoal de se conduzir todas as dimensões de sua vida. Por outro lado,

Você conhece pessoas interessantes. Você frequenta encontros que podem ser interessantes na produção. Muitos são mais encontros sociais, do que encontros científicos, com dinheiro público que eu acho um problema. E assim, nós temos certa liberdade em escolher o tema de nossa pesquisa. Então, quando você faz pesquisa na universidade, pelo menos na (minha

instituição), você é livre pra escolher o tema que você quer. O tema que você quiser trabalhar dentro, claro, das linhas de pesquisa, etc... Mas você tem uma gama de liberdade que às vezes em outras profissões você não tem

Segundo alguns entrevistados, as principais fontes de satisfação são:

- a) Orgulho em criar um Programa novo;
- b) Reconhecimento dos alunos;
- c) Relação com os alunos;
- d) Fazer o que gosta, estudar, ler;
- e) Constante crescimento intelectual;
- f) Atuar em um campo que lhe permite flexibilidade de tempo.

No balanço insatisfação/satisfação, os valores e crenças pesam bastante: “Se você não acreditar no que faz, no conhecimento, não consegue sobreviver psicologicamente na universidade”. Dentre os valores mais citados pelos docentes, percebe-se que “a vocação, a possibilidade de formar o outro, o estabelecimento da relação de ajuda, a capacidade de se doar” são vistos como importantes. A atenção ao aluno e a grande dedicação ao ensino e à profissão em si também tem adeptos que os indicam como fatores de satisfação, assim como a conquista baseada no crescimento pessoal de seus alunos, especialmente daqueles que se destacam em suas carreiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o campo científico possibilita discutir a ciência, o modo pelo qual a ciência se desenvolve e produz conhecimento em determinada área, ao centrar as discussões e análises sobre as relações no seio da organização científica. A prática científica está permeada por coalizões, lutas, lógicas e estratégias de ação distintas para a tomada de posições no campo.

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o campo científico da administração no Brasil serão enfatizados alguns pontos centrais na lógica de ação dos professores. Por meio da utilização do conceito de campo foi possível visualizar duas configurações distintas: professor e professor-pesquisador. Essas duas

configurações apresentam estratégias competitivas e cooperativas diferentes, já que os objetivos distintos, e mais que isso, a legitimidade e o reconhecimento passam por estágios, títulos, espaços e “resultados” diferentes. A luta por capital, na medida em que depende das posições ocupadas, assume as dinâmicas e dimensões também distintas, como é o caso das configurações profissionais, premissa confirmada pelo estudo.

A legitimação dos atores e o seu reconhecimento no campo passam por dimensões que vão além do controle individual, estando imersas no contexto institucional, e por sua vez, com conteúdo e dimensão que precisam ser reconhecidos por estes profissionais. Fatores que vão desde sua afiliação acadêmica e institucional, a escolha de uma corrente de pensamento a seguir, que passam pelos grupos de relacionamento pessoal e por sua inserção em comunidades científicas, até mesmo, os embates travados na arena de luta do campo científico para garantir sua publicação e reconhecimento pessoal e profissional são de cunho não apenas científico, ou não dependem apenas de sua capacidade intelectual individual. Habilidades de natureza política e administrativa, permeiam o cotidiano dos professores-pesquisadores.

Entende-se, portanto, que a academia não deve se pôr a prova sem usar de seu próprio potencial para debater e refletir sobre si mesma. Os desafios encontrados por estes profissionais se iniciam quando ainda em sua formação não encontram, na própria ciência, subsídio para a sua prática, no devido contexto do campo científico. Ao longo de suas vidas, eles se deparam com inúmeros dilemas e são postos à prova em decisões que, por vezes, extrapolam os limites da relação entre vida privada e vida profissional.

A dinâmica empreendida na relação dos atores com as instituições fomenta uma relação em que o conteúdo da vida profissional passa a invadir aspectos da vida privada do indivíduo, o qual precisa ter consciência de como isto afeta a sua própria ação. Muitas vezes, aquele que deseja produzir o conhecimento, praticar ciência, se vê, quando imerso na lógica institucional do campo, precisando escolher entre o trabalho intelectual ou assumir os compromissos e rotinas diversas. Tais escolhas não são objetos de discussão dos programas de formação do professor-pesquisador, e este muitas vezes somente se depara com tal realidade quando imerso no campo.

Existem opções de ação disponíveis no campo. Opções estas, por vezes, limitadas – e limitantes à ação –, mas se percebe, primeiramente, a possibilidade de escolha dentre as alternativas, a exemplo da opção dentre as configurações possíveis, ou ainda a mais básica de não segui-las, optando por não responder a essas opções. Mas, mais que isso, existe a possibilidade de influenciar as próprias opções disponíveis no campo, na medida em que apresentam suas críticas e agem politicamente. No entanto, percebe-se com destaque a capacidade crítica presente na possibilidade de propor ações no nível mais individual. Assim, os atores, possuidores de uma capacidade crítica das opções disponíveis, possuem margem de escolha frente a elas adaptando-as às suas estratégias e escolhas pessoais, suas preferências. Ou seja, mesmo que aparentemente o ator possa ser enquadrado nas opções disponíveis, em categorias mais gerais, ele age, movimenta-se e opera a crítica pela ação individual e “joga” estrategicamente para resguardar seus interesses, valores e estratégias.

Iniciar as discussões sobre as condições de produção e difusão do conhecimento científico em administração passa pelo mapeamento do campo, analisando-o como um sistema social marcado pela disputa e regido pelas instituições, na qual o conceito de campo de Bourdieu torna-se primordial, como também por uma nova perspectiva de análise do campo científico. Essa nova perspectiva de análise da ação dos sujeitos no campo compreende que o mundo social é construído por atores não passivos, ou seja, que não são integralmente determinados pelo campo e, portanto, fazem escolhas a partir de sua capacidade crítica, contribuindo assim para a compreensão das lógicas de ação e estratégias, ao assumir a capacidade crítica dos atores.

As premissas foram confirmadas, reforçando que a configuração presente no campo traz pelo menos duas categorias socioprofissionais que impactam as ações, apesar de não serem determinantes da ação, tendo em vista a capacidade dos atores de refletirem ao agir, assumindo uma diversidade de posturas não determinantes do contexto, mas, também, influenciadas por ele. Tal processo de reflexão pode ser fomentado por estudos científicos e pela observação das condições a que estão submetidas às diversas dimensões desta categoria profissional. Dessa maneira, reforça-se que

apesar de algumas estratégias serem predominantes de uma categoria, elas não são as únicas, sequer são exclusivas dessa categoria. Isso ocorre porque no campo essas categorias muitas vezes não são puras. Esperamos ter contribuído para a instauração de uma discussão em base científica sobre os produtores da ciência administrativa em nosso país, ao passo que exortamos nossos colegas a dar prosseguimento a esta discussão para que se amplie a compreensão da prática científica.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. **Organização & Sociedade**, [S.l.], v. 18, n. 57, p. 345-348, abr.-jun. 2011a.
- ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. **Cad. EBAPE.BR**, [S.l.], v. IX, p. 1.174-1.178, 2011b.
- BERRY, Michel. L'agenda du chercheur. L'action individuelle. **Sciences humaines**, [S.l.], hors-série, n. 9, maio-jun. 1995.
- BOLTANSKI, L. **De la critique – précis de sociologie de l'émancipation**. Paris: Gallimard, 2009.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. **De la justification – les économies de la grandeur**. Paris: Gallimard, 2001.
- BOURDIEU, P. Le Champ Scientifique. **Actes de La Recherche em Sciences Sociales**, [S.l.], n. 2/3, jun. 1976.
- BREVIGLIERE, M.; STAVO-DEBAUGE, J. Le geste pragmatique de la sociologie française. Autour des travaux de Luc Boltanski et Laurent Thévenot. **Antropolítica**, [S.l.], n. 7, p. 7-22, 1999.
- CHARLE, C. Produire et diffuser: le arcanes de la reconnaissance. **Sciences humaines**, [S.l.], hors-série, n. 21, jun.-jul, 1998.
- DORTIER, J. F. Les professionnels de l'intelligence: portrait de groupe. **Sciences humaines**, [S.l.], v. 28, n. 157, fev. 2005.
- DORTIER, J. F. Qu'est-ce qu'un chercheur? **Sciences humaines**, [S.l.], hors-série n. 31, dez. 2000.

- FARIA, A. Repensando Produtivismo em Gestão no (e a partir do) Brasil. **Cad. EBAPE.BR**, [S.l.], v. IX, p. 1.164-1.173, 2011.
- FARIA, J. H.; BAIBICH-FARIA, T. M.; ZORZETTO FILHO, D. Discurso de Eros e prática de Thánatos: o esconderijo da dor e a síndrome do estoicismo hercúleo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2008. p. 1-15
- GODOI, C.; L. MATTOS. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K. *et al.* (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LECLERC, G. Qui sont intellectuels? Le cas des universitaires. **Sciences humaines**, [S.l.], v. 28, n. 157, fev. 2005.
- LIMOGES, C.; KEATING, P.; GINGRAS, Y. Du savant au chercheur entrepreneur. **Sciences humaines**, [S.l.], hors-série n. 31, dez. 2000/jan. 2001.
- LOUVEL, S. Le monde des chercheurs. **Sciences humaines**, [S.l.], v. 28, n.157, fev.2005.
- MACHADO, A. M. N.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 244-254, jun. 2011.
- MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais. **Organização & Sociedade**, Salvador, v. 21, n. 68, p. 835-851, mar. 2014.
- MATTOS, P. L. C. Nós e os índices: a propósito da pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 48, n. 2, p. 144-149, 2008.
- _____. Pés de barro do texto “produtivista” na academia. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 5, p. 566-573, Oct. 2012.
- MELO, D.; SERVA, M. A agenda do professor pesquisador em administração: uma análise baseada na sociologia da ciência. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, artigo 4, jul.-set. 2014.
- MUKERJI, C. Pragmatisme et passion politique. Le raisonnement moral américain et la sociologie française. In: BREVIGLIERE, M. *et al.* (Org.). **Compétences critiques et sens de la justice – colloque de Cerisy**. Paris: Economica, 2009. p. 447-455.
- PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-18, mar. 2015.
- ROSA, A. R. Nós e os índices – um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 48, n. 4, p. 108-114, out.-dez. 2008.
- SEIDMAN, I. **Interviewing as qualitative research**. New York: Teachers College, 1998.
- SERVA, M.; PINHEIRO, D. Epistemologia e sociologia da ciência da administração: uma reflexão inicial sobre os estudos do campo no Brasil. In: XXXIII ENANPAD, 2009. **Anais...** São Paulo, ENANPAD, 2009. p. 1-16.
- THÉVENOT, L. **L’action au pluriel – sociologie des régimes d’engagement**. Paris: La Découverte, 2006.
- VILELA, E. F.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd. Rev. Eletrôn. Adm.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 517-540, Aug. 2013 .
- VINCK, D. **Sciences et société: sociologie du travail scientifique**. Armand Colin: Paris, 2007.